

Arte absorvida das disfunções: uma experiência no
Instituto de Artes da Unesp

*Absorbed art of dysfunctions: an experience at the
Arts Institute of UNESP*

Beatriz Ruiz Candolo Vilas Boas de Oliveira*
Lilian Freitas Vilela**

*Graduanda, Bacharelado em Artes Cênicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, SP, Brasil; Rua Tagipuru, 127, Barra Funda, CEP 01156-000, São Paulo; beatriz-ruiz-oliveira@hotmail.com, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0820-8899>.

**Graduada em Dança, com Mestrado em Educação Física pela Unicamp-Campinas e Doutorado em Educação, também pela Unicamp. Docente do Instituto de Artes da Unesp; lilian.f.vilela@unesp.br. ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-8446-7788>

Resumo |

O artigo trata de um estudo-experimento sobre o fazer artístico entre pessoas sem e com disfunções motoras e intelectuais. Tem como disparador uma experiência ativa no projeto de extensão *Artinclusiva* do Instituto de Artes da UNESP, existente há mais de 10 anos. O projeto consiste em encontros artísticos semanais entre integrantes da UNESP e pessoas com deficiências da comunidade externa à universidade. O artigo tem como objetivo promover reflexões em torno da arte absorvida das disfunções, ou seja, da arte e possibilidades de criações advindas da relação de encontro entre pessoas com habilidades e capacidades diversas. O trabalho se baseou nas experiências empíricas e propôs cinco encontros artísticos junto ao *Artinclusiva*. Os encontros tiveram temas norteadores e foram criados a partir da relação estabelecida dentro do projeto, buscando valorizar todas as idiosincrasias presentes. Durante os encontros, fui convocada a estar de maneira plena e íntegra, mostrar ou fingir interesse e presença não era suficiente ou satisfatório. Aprendi com eles sobre: a imaginação fluída, o estado de presença, entrega, o impulso verdadeiro que precede a ação, o olhar penetrante, a transgressão artística, o desapareço de expectativas, a sinceridade presente em cada gesto, a prontidão, o improvisado, a potencialização da expressividade e a liberdade para experimentações.

Palavras-chave: Arte. Emancipação. Deficiência.

Abstract |

The article is an experimental study about the art making among people with and without physical and learning disabilities, which I will call *extraordinary*. The project stems from the *Artinclusiva* extension project of the Arts Institute of the UNESP, which has been functioning for over ten years. The project consists of weekly artistic meetings between UNESP members and adults with special needs from outside the university community. It aims to promote reflection on art that derives from these special needs; in other words, art and possibilities of creations arising from the encounter

with people with special needs. The project was based on empirical experiences and consisted of five artistic meetings with *Artinclusiva*. The meetings had a guiding theme and were created from the relationship established within the project, seeking to value all the idiosyncrasies present. Participation in meetings had to be complete; and pretending was not enough. As a result of this interaction, I have learned about the flowing imagination, the state of presence, surrender, the true impulse that precedes the action, the penetrating gaze, the artistic transgression, the detachment of expectations, the sincerity present in each gesture, the readiness, the improvisation, the potentiation of expressiveness, and the freedom for experimentation.

Keywords: Art. Emancipation. Disability.

Iniciei a pesquisa aqui tratada¹ ingressando, no início do segundo semestre de 2018, no Projeto de Extensão do Instituto de

¹ O presente artigo é fruto de pesquisa financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica UNESP/PIBIC, nos anos de 2018 e 2019, sob orientação da Professora Dra. Lilian Vilela.

Artes da UNESP Artinclusiva, espaço de realização de minha ação artística investigativa. O Artinclusiva, sediado na UNESP, no Campus de São Paulo, foi criado em 2007 e atua ininterruptamente no encontro entre estudantes, professores, colaboradores e jovens e adultos com disfunções motoras e intelectuais, distintos de uma padronização social, dispostos na sociedade como pessoas com deficiências (PcD)², que neste trabalho nomearei como *pessoas extraordinários*.

O projeto consiste na realização de encontros semanais com oficinas de diferentes linguagens artísticas. No ano de 2018, o grupo de participantes externos à comunidade da UNESP era composto por aproximadamente dez pessoas, enquanto os internos eram quatro, além de mim. Apesar do enfoque dos encontros não estar no diagnóstico médico; sabe-se que a maioria dos jovens participantes possui transtorno do espectro autista (TEA) ou, como é usualmente conhecido, autismo, ao lado de outras deficiências intelectuais. ode-se entender o autismo como uma disfunção que afeta a comunicação verbal e não-verbal, a interação social, a capacidade de aprendizado e habilidades, os interesses, a sensibilidade sensorial, os comportamentos e a adaptação. É uma deficiência bastante variada e ampla e, por esse motivo, difícil de ser definida e categorizada.

A necessidade de desenvolver o trabalho dentro do projeto Artinclusiva surgiu após a constatação da escassez de pesquisas nas interfaces entre a população com deficiência e a integração universitária. Apesar de a legislação brasileira apontar avanços desde 1990, como por exemplo a Lei nº 13.146, criada pela presidenta Dilma

² Em julho de 2015, é instituída a Lei 13.146: Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2013.146-2015?OpenDocument

Roussef, voltada à inclusão de pessoas com deficiência, e os números do Censo de 2015 mostrarem um crescimento significativo de pessoas com deficiência matriculadas na educação básica, no ensino superior esta aproximação é ainda muito incipiente, sendo uma temática distante das discussões acadêmicas.

O projeto Artinclusiva cumpre a função de minimizar essa lacuna dentro do Instituto de Artes. O grupo não apenas compartilha saberes artísticos em encontros semanais, como também promove eventos abertos a toda a comunidade acadêmica em oficinas, exposições, apresentações artísticas e encontros festivos. Porém, embora exista há mais de dez anos, o projeto ainda não possui muitos registros reflexivos de suas ações com suas potencialidades educacionais e artísticas pelo encontro integrativo entre as pessoas com diferentes habilidades e disfunções. Com a realização deste artigo, atuamos na colaboração para a reflexão sobre a área da arte nascida e absorvida das disfunções no Brasil, mais especificamente dentro da Unesp, ao questionar sobre os vários papéis da arte na sociedade: modificar, ampliar, refletir, indagar, inserir, incluir, incorporar, absorver, apropriar, integrar, acolher e compartilhar.

Meu objetivo inicial como pesquisadora foi acompanhar e participar ativamente do projeto de extensão, a partir do segundo semestre de 2018, para que, com base nessa interação, pudesse elaborar e propor cinco encontros artísticos com o grupo (um módulo de atuação do projeto). A partir dessa pesquisa-ação e das bibliografias estudadas, trouxe reflexões e fundamentos sobre atividades artísticas com pessoas extraordinárias e as possíveis potencialidades da arte para guiar encontros compartilhados entre jovens diferentes no ambiente universitário do Instituto de Artes.

Nos empenhamos para que as proposições fossem em busca dos participantes, segundo suas habilidades singulares, em congruência

com o pensamento de José Tonezzi (2008), para “[...] afirmar que o que poderia ser considerado negativo, empecilho ou limitação pode se tornar, ao contrário, matéria efetiva de criação teatral e experiência estética” (TONEZZI, 2008, p.14). Aproveitar a matéria singular de cada indivíduo para as ações e enxergar os participantes do projeto com um olhar artístico, com o intuito de não apenas usar da arte para alguma finalidade exterior à ela (como a promoção da saúde), mas fazer com que a arte seja, em si, o próprio fim.

Para o planejamento dos encontros, nos apoiamos e usamos de alguns disparadores: a própria interação com o *Artinclusiva* (meses antes da proposta ter início), referências bibliográficas, filmes e exposições. Buscamos a emancipação junto de Jacques Rancière; sonhamos os "sonhos possíveis" de Paulo Freire; incluímos, com a ajuda de Claudia Werneck; ficamos à espreita, com Tatiana Lima, para criar artisticamente; deliramos, com Tania Rivera; encontramos, com Anamaria Viana; mudamos, com Eduardo Galeano; jogamos, com Viola Spolin; viajamos, com Carlo Lepri; contaminamos a cena, com Jozé Tonezzi.

Um dos nossos pilares para a formulação das vivências foi o livro *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual* (RANCIÈRE, 2014), que nos deixou como legado o aprendizado de que todos somos ignorantes e sabemos infinitas coisas. O autor apresenta que é nesse pilar que o ensino e ato de emancipar deve se basear. Levando em consideração o mote da ação - a emancipação por meio da igualdade -, de acordo com Rancière, a arte seria um caminho para alcançarmos tal objetivo. Ele resume:

Pode-se, assim, sonhar com uma sociedade de emancipados, que seria uma sociedade de artistas. Tal sociedade repudiaria a divisão entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem, entre os que possuem e os que não possuem a propriedade da

inteligência. Ela não conheceria se não espíritos ativos: homens que fazem, que falam do que fazem e transformam, assim, todas as suas obras em meios de assinalar a humanidade que neles há, como nos demais. Tais homens saberiam que ninguém nasce com mais inteligência do que seu vizinho (RANCIÈRE, 2014, p.104).

Meu desejo era pôr em prática a máxima de que todos podem ser atores e artistas, convergindo ao pensamento da teórica norte americana Viola Spolin (1979) de que “[...] todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco” (SPOLIN, 1979, p.3). Fizemos, dessa maneira, que os encontros fossem criados por todos nós, artistas, usando daquelas horas no Artinclusiva para criações conjuntas, tornando parceiros de cena os meus colegas *extraordinários*.

Busquei, além disso, basear as propostas no documento do MEC (Ministério da Educação), “Diretrizes Nacionais Para Educação Especial na Educação Básica”, que pontua: “O respeito traduz-se pela valorização de cada indivíduo em sua singularidade, nas características que o constituem.” (BRASIL, 2001, p. 26). Ou seja, parti do princípio de que a forma mais sincera de respeitá-los seria não só aceitar as individualidades de cada integrante presente, mas para além disso, acolher e enaltecer cada idiosincrasia constituinte do grupo.

Dessa forma, emanamos nossa criação artística do simples, do próprio material individual que nos constitui, pois segundo José Tonezzi Pereira (2008), “[...] a singularidade extremada não deve ser vista como simples motivo ou pretexto, e sim como condição efetiva e propícia à criação.” (PEREIRA, 2008, p.182). Utilizando os elementos singulares que já estão presentes em nós como matéria para criação, estar à espreita para conseguir aproveitar as individualidades, Peter Pál Pelbart (2013) escreve: “Partamos do mais simples. A

matéria-prima nesse trabalho teatral é a subjetividade singular dos atores, e nada mais” (PÉLBART, 2013, p.126); o que faz com que a criação artística parta de cada um de nós, do concreto e visível, pois “[...] mais uma vez, o sujeito está em primeiro plano, todas as tarefas são acionadas em prol do desvelamento de cada um dos artistas” (BIANCHI, 2016, p.152).

Também me respaldei no texto “Em Busca e à Espreita de uma Pedagogia para o Ator” (LIMA, 2004), de Tatiana Motta Lima, doutora e professora de artes cênicas. O texto contém dois termos utilizados para nomear partes do processo pedagógico artístico teatral: “caçar” e “espreitar”, os quais busquei colocar em prática nas vivências compartilhadas no *Artinclusiva*.

Para caçar é necessário sair do espaço que reconhecemos como “casa” e aventuramo-nos em um espaço desconhecido, “fora de casa”. Mas não seria este espaço do desconhecido, o próprio espaço da criação? E não estamos falando em formação de artistas? [...] Já no *espreitar*, uma forma de pensar a temporalidade está em jogo: ‘observa-se’, ‘olha-se atentamente’, ‘indaga-se’. O verbo ‘espreitar’ aparece na relação com o momento presente, na relação com o ambiente no qual se está. O olhar que espreita não tem certezas prévias, trabalha a partir das pistas encontradas (e diversas a cada dia), trabalha através de conjecturas” (LIMA, 2004, p. 8-10).

No módulo elaborado, buscamos trabalhar com a arte híbrida, trazendo a mistura das diversas linguagens artísticas e abarcando, assim, mais individualidades e prazeres de criação. Navegamos pela arte visual, pela música, pela dança, pela arte cênica, ao buscar o encontro de recursos e métodos, segundo a tese de doutorado desenvolvida também dentro do *Artinclusiva*, pela pesquisadora Valéria Rodrigues. Apesar de seu viés mais terapêutico, Rodrigues contempla nossas aspirações. Ela resume:

Considerando os resultados apresentados, a arte terapia que produzimos caracteriza-se como uma ação poética híbrida. Como inspiração assumiremos nossa vocação para o híbrido. O que acabamos de descrever como modelo de acessibilidade para o IA-Instituto de Artes deve ser um ofício, uma obra ou uma opus feita a muitas mãos. Diz respeito ao que descobrimos na pesquisa e na experiência, o hibridismo como método que acolhe a abordagem que estamos propondo para a arte terapia, um hibridismo dos campos da psicologia, da educação e da arte. Um campo para experiências artísticas contemporâneas, que podem atingir objetivos sociais, construindo espaços de convivência; objetivos institucionais produzindo pesquisas, articulação acadêmica na construção de projetos, criando um campo privilegiado para o ensino e a aprendizagem e ainda colaborando para a abertura da Instituição para a sociedade (RODRIGUES, 2015, p.137).

A partir das referências utilizadas e a partir do próprio encontro, elencamos cinco temas-provocadores, os possíveis norteadores dos roteiros de ações de cada vivência. Uso a palavra “possíveis”, pois, ao longo do processo, percebi que estar aberta ao que os integrantes do grupo trazem, significa também renunciar e ceder de alguns planos iniciais pré-estabelecidos. Os disparadores escolhidos para as oficinas práticas foram, nesta ordem: identidade, espaço, travessia, personagem e sonho. A ideia era expandir os temas a cada encontro, partindo de si e indo em busca da utopia, dos sonhos e desejos individuais, buscando em cada encontro resgatar e recapitular todos os lugares, propostas e ideias pelos quais passamos.

O primeiro encontro começou com tema "Identidade", em que navegamos por questionamentos, produzindo artisticamente reconhecimentos em torno de si e do outro. Quem sou eu? Quem é o outro? Quem somos nós enquanto grupo? Somos uma pequena comunidade? Abrimos uma fresta para nossas expressões pessoais e vontades singulares, que muitas vezes são apagadas enquanto

indivíduos. No caso de meus amigos artistas extraordinários, suas individualidades, em sua maioria, misturam-se com as de suas mães. Esse encontro foi voltado à auto-percepção, reconhecimento de si, do outro e do grupo, escuta e olhar para cada companheiro ali presente.

Como poderíamos estar todos juntos, presentes com suas individualidades, sem que nenhum integrante fosse apagado? Como abrir a escuta para o outro? Para tal, utilizamos de fotos com a imagem de cada um dos participantes e seus nomes impressos, todos se identificavam nas imagens e, mesmo os que não escrevem, encontravam seus próprios nomes. Nesse encontro, fizemos exercícios de pulso e ritmo comum em roda, experimentações com tecidos, dança das cadeiras (jogo que surgiu do próprio grupo no momento da vivência), para trabalharmos a percepção de grupo e criação de uma unidade, ver quem estava ali e quem havia faltado. Também trabalhamos com a pergunta: “O que você quer ser quando crescer?”, questão recorrente indagada sempre nos encontros do projeto por um dos integrantes. Essa pergunta se faz importante, pois reacende sonhos pessoais, já que, apesar de adultos, existe uma ausência de um presente profissional em suas vidas. Essa pergunta compartilhada gerou diversas respostas no grupo: quero ser dançante, dentista, professor, dançarina e atriz.

O segundo encontro teve como tema “Espaço”. Onde estou? A sala, o Instituto de Artes da Unesp, a cidade, lugares que já fui, locais que gostaria de ir, lugares que imagino e desejo ir. A sala como casa-território e espaços fora daqui como o externo-público. Em nossos encontros, mais do que respostas, nos deparamos com outras perguntas e questionamentos: Como afeto o espaço? Como o espaço me afeta? O que faço em espaço público? O que faço em espaço privado? Como me comporto em diferentes ambientes? Como o fora instiga meu corpo?

Nessa vivência, iniciamos com imagens projetadas de diferentes espaços, tais como: escola, parque, rio, casa, apartamento, metrô, e reflexões de como me sinto em cada um desses lugares. Também criamos uma cadeira de rodinhas junto de um volante, e questionamos um a um: “Para onde você quer ir?”, com o intuito de criar relações entre imaginação e desejo, e tentar satisfazer o sonho de um dos integrantes do grupo, o desejo de ser motorista e poder dirigir. Fizemos uma trajetória imaginativa até chegar ao gramado do Instituto, e lá, pintamos com muita tinta guache, vermelha, azul, amarela e branca, em quatro grandes tecidos brancos suspensos em suportes de madeira, para que pudéssemos fazer a pintura de pé, caminhando entre os painéis. Por fim, finalizamos o encontro com um piquenique ao ar livre. Trabalhamos com a ideia do deslocamento como forma de conhecer novas ações e comportamentos, caminhamos de forma a investigar por onde passávamos, descemos pela escada de incêndio com as paredes todas pintadas, passeamos por obras dos estudantes de artes visuais, andamos até uma “academia de ginástica”, aparelhos instalados ao ar livre atrás do prédio do Instituto de Artes para a terceira idade, até chegar ao gramado. Cria-se, a partir desse instante, um primeiro cruzamento: eu, o outro e onde estamos.

O terceiro encontro teve como base “Travessia”, com atos de coragem e empoderamento pessoal. Quais são minhas ações de empoderamento e coragem diárias? O que quero atravessar? Quando atravessamos juntos ficamos mais empoderados? Também contamos dois contos indígenas fazendo uso de alguns objetos cênicos, “A conquista do dia” e “A conquista da noite”, trabalhando a ideia da complementaridade e a importância de ambos, o dia e a noite. Um dos participantes também criou e narrou uma história de um lobo que se alimentava de sangue durante a noite. Outro colega extraordinário, que estava viajando, nos contou sobre seu passeio até Fortaleza e mostrou

algumas fotos. Ao fim, em roda, cantamos algumas cirandas brasileiras, retomando aquele pulso rítmico comum da turma.

O quarto encontro trabalhou o tema “Personagem”, com a ação de ir para além de mim mesmo, me transformar, estar e poder ser diferente, com abertura de possibilidades. E novas perguntas se somaram: “Quais são meus desejos pessoais? O que desejo nesse mundo? Quero ser dançante, tocador, professor, dentista, ator...? Como poderia, ao usar um ‘figurino’, encontrar meu desejo? A figura da personagem me encoraja? Se meus desejos estão apagados, como acendê-los?”. Às vezes a própria imaginação pode dar conta de satisfazer um desejo, essa ideia também fez parte de nossa experimentação. Nesse dia, tivemos participações especiais de uma estudante de música, antiga integrante do grupo, e de uma outra estudante de artes cênicas que, até então, nunca havia participado do projeto. E, mais uma vez, nós nos reconhecemos nas fotos individuais coladas pelas paredes. Depois, levamos acessórios e algumas peças de roupa, nos vestimos e nos transformamos ao fazer um desfile de “pessoas-personagens” pelos corredores e espaço do Instituto de Artes. Além disso, eu e uma das convidadas fizemos um número de “telepatia” e adivinhação, esbarrando no tema do “mistério” e sua possível perturbação. Ao fim, cantamos e dançamos algumas canções da cultura popular brasileira com suas danças e brincadeiras (como por exemplo, a “Olaria do povo” e cirandas de roda) sempre solicitadas pelos participantes, retomando mais uma vez a lembrança e aprendizado de encontros passados.

O quinto encontro, com o tema “Sonho”, foi uma junção dos encontros anteriores. Lembramos o que foi feito e buscamos reforçar as utopias latentes em cada um: “O que você quer ser quando crescer?”, “O que você sabe fazer bem?”, “No que você é bom/boa?”. Um dos integrantes quis ver os umbigos dos colegas do grupo, cada um

mostrou o seu umbigo e desenhamos na lousa os diferentes tipos de umbigo com o nome de cada um correspondente. Depois, escrevemos na lousa uma lista de coisas que cada um desejava fazer no último encontro de 2018 durante o festejo de encerramento. No encontro, criamos e fizemos um ensaio geral para a festa, no qual incluímos o canto coletivo da música “Meu bem querer”, de Djavan (ideia de uma das mulheres do grupo); a narração de uma história por um dos integrantes; algumas danças (dançamos uma música judaica e uma grega; dançamos tango, também presente em uma antiga e saudosa apresentação do grupo); e um dos integrantes cantou uma música japonesa, resgatando descendências dos integrantes (judeus, gregos, croatas e japoneses). Por fim, terminamos com algumas cirandas brasileiras, tudo isso, fruto de ideias e vontades dos integrantes artistas. A repetição dos fatos, cantos e danças foi uma forma encontrada de criar uma relação de pertencimento e de desenvolvimento da aprendizagem em grupo. Assim, fechamos o ciclo dos cruzamentos construídos ao longo dos encontros: o eu, o outro, onde estamos, os atos de coragem necessários para nossa travessia, quem podemos ser e quais nossos desejos...

No decorrer dos encontros, constato que as oficinas geradoras da arte absorvida das disfunções nos convocam a estar em plenitude, estar em estado de criação. Ali era necessário realmente “fazer”, pois “mostrar que faz” não era suficiente para que os encontros artísticos acontecessem em plenitude. Não estar de forma íntegra nos encontros com meus amigos-artistas-extraordinários não é satisfatório, fingir ou simular um estado de presença não funciona. É preciso estar inteira para que a troca aconteça de maneira plena e sincera. A prontidão, a escuta aberta e aguçada, o impulso para ação, a suspensão, o desapego das expectativas, o improviso, a desinibição, todos esses temas tão buscados, estudados e almejados nas artes cênicas são convocados de forma extremamente orgânica juntos dos artistas extraordinários.

Esses chamamentos trouxeram uma questão: como esse encontro me mobiliza e afeta enquanto artista e ser humano?

Infindáveis questões marcaram todo este processo da pesquisa-ação. Como promover questionamentos em mim também? Quem é a Beatriz? O que é arte? Fizemos arte? O que é a arte absorvida das disfunções? Quais são os meus sonhos? Em que sou boa? Quais as minhas ações de empoderamento? Como me preparo para estar em estado de criação no encontro? Como estar inteira com o grupo no “aqui e agora”? Qual é a diferença ou ponto comum entre a transgressão artística aceita no teatro e a presente nas pessoas extraordinárias? Como não tornar meu olhar normativo? Essas perguntas me provocaram durante toda a pesquisa. Em meio a tantas questões, uma resposta: Sim, fizemos arte! Segundo Tania Rivera (2018), “Chamamos arte: alguém a refazer e renomear as coisas, com mãos e pensamento, porque a realidade não basta” (RIVERA, 2018, p. 13).

Da mesma forma, foi parte do processo da pesquisa-ação a abertura para o não programado, em todos os dias do módulo, o roteiro pensado previamente foi modificado e seguiu permeado pelos acontecimentos surgidos no momento em que o encontro se concretizava. Conforme Marilyn Arsen (2011), “Quando alguém está aberto e disposto a discutir o que não aconteceu, ou o que aconteceu no lugar, então esse alguém entrou no território de aprendizagem, de obtenção de mais conhecimento de outras possibilidades do que o entendido inicialmente” (ARSEN, 2011, p. 5). Congruentemente ao seu pensamento, não encaramos essa diferença entre o programado e o acontecido como fracasso ou empecilho, mas encaramos essa distância que nos separa como o tesouro inesperado que encontramos na trajetória, uma suspensão de tempo-espço, uma fresta que trazia luz e dava significado para toda a oficina.

Ademais, deparei-me com uma adversidade já conhecida previamente, o desconhecimento das pessoas sobre o projeto de extensão Artinclusiva. Os colegas de dentro da universidade muitas vezes não sabiam sobre a existência do projeto! E, se nem mesmo as pessoas internas à instituição sabiam dele, como os externos à Unesp poderiam tomar conhecimento de sua existência? Seria, mais uma vez, um reflexo do que ocorre na sociedade de invisibilidade, de dificuldade de ver-enxergar a existência de pessoas extraordinárias? Como difundir e tornar conhecido o projeto Artinclusiva? Isso gerou a busca pela integração da turma do projeto de extensão e graduandos da Unesp. A aproximação foi acontecendo em doses homeopáticas: ao longo do módulo, procuramos sair da sala, buscar diferentes espaços sempre que possível, e nos esbarrar pelos corredores, cantina e mesas, ocasionando encontros não marcados, mas não menos provocadores e importantes.

Outra reflexão (e fator de tensão) foi também gerada pela nomeação do projeto de extensão como Artinclusiva, termo relacionado à inclusão. Se a arte em si já deveria ser inclusiva, e se, dentro da palavra “arte”, já deveria estar contida de forma subentendida a palavra inclusão, por que o projeto carrega esse nome? Tentando buscar respostas, penso que uma possibilidade seja que ainda, em nossa atual sociedade, é ainda preciso afirmar, ou seja, reafirmar, ser redundante, para que não nos esqueçamos do essencial. Werneck (2002) parece concordar com esta necessidade:

Um dia a escola será só escola. Nem especial, nem inclusiva. Sociedade? Sociedade. E ponto. Trabalho apenas trabalho. Estaremos dispensando adjetivos. Por enquanto não pulemos etapas. Para incluir é preciso reconhecer. Ainda. O mundo está repleto de TODOS parciais que precisam ser ampliados (WERNECK, 2002, p. 25).

Talvez, o trabalho durante essa pesquisa-ação tenha sido um exercício de desconstrução-constructiva, um desconstruir de preconceitos, abandonar pré-julgamentos e ideias que não cabem mais, desatar antigos nós. Conforme apresenta Anamaria Vianna (2015):

[...] um saber que se questiona, que está em constante transformação. Que implique ausência de conceitos rígidos e sagrados, adotados a priori. Ignorância que permite e sustenta o olhar inocente, como o da criança que vê pela primeira vez o bater de asas de uma borboleta. Cada pessoa que encontramos, em cada dia, em cada momento, oferece-nos um novo e único bater de asas (VIANNA, 2015, p. 24).

Ao longo dos encontros, surgiram ideias e possibilidades para laboratórios performáticos também que podem dar origem a outros novos projetos. Além disso, ali observei e pude aprender um pouco mais a respeito de elementos artísticos produzidos de maneira orgânica, genuína e natural. Alguns exemplos disso são: a imaginação fluída, fértil e sem amarras; o estado de inteireza e presença; a suspensão do tempo-espço produzida por uma ação/palavra; a entrega e a plenitude, constante condição em latência para criação artística; o impulso verdadeiro que precede a ação; o olhar penetrante e fixo, sem desvios; a transgressão artística intrínseca; o desapego de expectativas; a sinceridade presente em cada gesto; a prontidão; o imprevisto; a potencialização da expressividade e a liberdade para experimentações. Enfim, diversos elementos tão estudados, pesquisados e experimentados por fazedores de arte ditos "normais", e em meus amigos com habilidades mistas, esses elementos já estavam presentes.

Algumas ideias e possibilidades para laboratórios performáticos também surgiam durante os encontros do projeto e podem dar origem a outros novos projetos. Findo este artigo com uma questão recorrente

de um integrante do projeto, para dar abertura a mais uma reflexão, que promete estender a pesquisa para além das presentes páginas: - "E você, o que você quer ser quando crescer?"

Referências

ARSEN, Marilyn. Some Thoughts On Teaching Performance Art in Five Parts. **Total Art Journal**, Vol. 1, No. 1, 2011. Disponível em: <<http://totalartjournal.com/archives/638/some-thoughts-on-teaching-performance-art-in-five-parts/>>. Acesso em: 01/02/2019.

BIANCHI, Paloma. Corporeidades Dissonantes: Reflexões sobre o espetáculo Disabled Theater. **Revista Sala Preta**, vol. 16, n. 2, p. 145-156, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/115154/122237>>. Acesso em: 06/02/2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica/ Secretaria da Educação Especial**. MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 16/10/2019.

LIMA, Tatiana Motta. Em busca (e à espreita) de uma pedagogia para o ator. **Caderno de Registro Macu**, Estudos. São Paulo: Teatro Escola Macunaíma, p. 32-41, 2004. Disponível em: <https://www.macunaima.com.br/cadernos/caderno_10/caderno_10_dossie03.pdf>. Acesso em: 03/02/2019.

PELBART, Peter Pál. **O Teatro da Loucura**. Poliética, v. 1, n. 1, p. 119-129, São Paulo: PUC-SP, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/download/15206/11344>>. Acesso em: 05/02/2019.

PEREIRA, José Amâncio Tonezzi Rodrigues. **O teatro das disfunções ou a cena contaminada**. 2008, Tese (Doutorado em Teatro) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/UNIRIO, Rio de Janeiro, 2008.

RANCIÉRE, Jacques. **O Mestre Ignorante: Cinco Lições Sobre a Emancipação Intelectual**. São Paulo: Editora Autêntica, 2014.

RIVERA, Tania. **Lugares do Delírio**. Curadoria: Tania Rivera. SESC Pompéia. São Paulo: SESC. 2018.

RODRIGUES, Valéria Elisabete. **Imagens e Histórias em Arte-Terapia: Experiências nas interfaces da psicologia, da educação e da arte**. 2005, Tese (Doutorado em Arte) - Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/IA-UNESP, São Paulo, 2015.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

VIANNA, Anamaria Fernandes. **Dança e autismo, espaços de encontro**. 2015, Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de Campinas/UNICAMP, Campinas, 2015.

WERNECK, Cláudia. **Sociedade Inclusiva: Quem cabe no seu todos?** São Paulo: Editora WVA, 2002.

Data de submissão: 17/10/2019

Data de aceite: 05/12/2019

Data de publicação: 29/12/2019